

RESUMO DE ANA

Modesto Carone

A Dona Lazinha, filha de Ana

Tudo o que ouvi dizer de minha avó materna devo à insistência com que abordei o assunto. Minha mãe gostava de contar casos de família depois do jantar, sentada à mesa da copa ou numa poltrona de couro da sala, mas esse ela muitas vezes evitava com habilidade. Dizia que ainda era menina quando minha avó morreu, que as coisas que sabia tinha escutado entre os oito e os doze anos de idade, que a partir daí o convívio com a mãe ficou muito prejudicado ou então que sua memória andava fraca ultimamente. A impressão que me dava, vendo-a passar o dedo em cima de um friso da toalha ou de um veio saliente no braço da poltrona, era a de alguém que no primeiro instante se recorda e no seguinte abafa compulsivamente as imagens evocadas. Os motivos alegados podiam ser reais, mas não era verdade que sua memória estivesse fraca; pelo contrário, os anos pareciam beneficiá-la com as reflexões da velhice e a busca silenciosa de um sentido para a experiência. Além disso era inevitável que mencionasse minha avó como personagem relevante da sua história pessoal, o que acabou levando às linhas de força de um quadro inteligível, ainda que sumário, das desventuras de Ana Baldochi, nascida Godoy de Almeida.

Os Godoy de Almeida eram sitiantes de Itavuvu, região já anexada ao município de Sorocaba. Não há documento disponível sobre suas poses, mas é provável que no correr dos anos tenham passado de proprietários a arrendatários de terras e que nas últimas décadas do século XIX tenham vivido da cultura de subsistência. Ana nasceu no sítio da família em dezembro de 1887 e ficou órfã de pai e mãe aos cinco anos de idade. Os dados a respeito dos pais são imprecisos, quando não inexistentes: ao que parece morreram na mesma época, vítimas de alguma epidemia no campo. Com a morte deles os filhos mais velhos, João e Gabriel, decidiram

encaminhar a irmã, entregando-a a uma família interessada em criá-la. Ana foi recolhida do sítio em Itavuvu por uma senhora protestante de Sorocaba e a partir dessa data passou a morar na casa dela, localizada na estreita Rua Treze de Maio, hoje área central da cidade. Durante doze anos, ou seja, de 1892 a 1904, foi menos filha de criação, como se dizia, do que criada de Ernestina Pacheco. Aos seis anos de idade já cuidava de trabalhos domésticos significativos: levantava-se de madrugada, acendia o fogo a lenha, preparava a mesa do café, varria o quintal, enxaguava a roupa suja numa tina d'água, passava e engomava com ferro a carvão; para lavar a louça punha-se em pé sobre um caixote de madeira porque ainda não tinha altura suficiente para alcançar a pia. Um pouco mais tarde, depois de adestrar melhor a cria, a patroa também a incumbiu não só de cuidar de uma sobrinha doente, de dois ou três anos, que passou a morar na casa com os direitos devidos a uma parente de sangue, mas igualmente de torrar café, moê-lo no pilão e ir vendê-lo aos familiares de Júlio Prestes que ocupavam uma chácara na Rua Direita, atual Dr. Braguinha, para os quais Ana já na época lavava e engomava roupa; os rendimentos pelos serviços prestados iam para os bolsos de Ernestina, que vivia pobremente mas era proprietária de uma fileira de casas na Rua Treze. A contrapartida pelo trabalho diário de Ana, sem folga aos domingos, era teto, comida, roupa feita em casa e instrução caseira: quem alfabetizou Ana de forma rudimentar foi Ernestina, com os meios e métodos de que dispunha, sem exclusão do poder disciplinador dos coques e da reguada nos nós dos dedos. Além dessas generalidades as informações sobre o período são vagas, mas não é exagero admitir que, da infância ao fim da adolescência, órfã e sem apoio externo (o irmão João ficou muito tempo com o sítio da família e numa crise de desespero ateou fogo na plantação, queimando o dinheiro entesourado numa enxerga), a vida de Ana não foi amena, submetida como estava ao zelo e às conveniências da senhora e do marido. É certo porém que uma ou outra incursão no mundo externo tenha sido franqueada à adolescente, se bem que no geral limitada às idas ao templo protestante que ficava na Rua Quinze de Novembro perto da praça do canhão, onde Ana foi confirmada e recebeu das mãos do pastor uma Bíblia com fechos dourados que ela conservou até o fim da vida.

Pelos depoimentos da filha, baseados nas confidências de Ana, que nos últimos anos viu aberta a possibilidade de contar a alguém a sua história — o que para ela chegou a assumir um caráter de urgência diante da solidão afetiva em que vivia — a jovem órfã era esperta e recatada, de olhos vivos, cabelos pretos e pele alva, que gostava de se enfeitar com os poucos recursos disponíveis. Nas manhãs de domingo e dias santos, depois da faina que começava de madrugada, ela saía de casa acompanhando Ernestina e o marido e caminhava até a igreja. Para quem andava a pé o percurso era relativamente longo e Ana observava com atenção nas ruas de Sorocaba os transeuntes mais solenes, pois o que admirava neles era o porte e as boas maneiras, que procurava mimetizar sempre que possível para um dia compor o seu estilo pessoal. Segundo consta ela se desenvolveu

rápido e com cerca de dezesseis anos parecia uma portuguesa do tipo mignon, vestida com alguma fantasia e traindo no olhar uma inquietação que a vivência da orfandade e o trabalho compulsório não conseguiram embotar — traços confirmados por uma minúscula fotografia (a única que restou) dos tempos em que já era casada e mãe de família, na qual aparece de cabelo apanhado atrás, dentes brancos à mostra e as mãos apoiadas na cintura fina. De volta do ofício religioso onde se comportava com adequação, pois valorizava a liturgia e o espetáculo — gosto que mais tarde a tornaria apreciadora sincera de ópera —, Ana andava atrás dos patrões que abriam o caminho, o que não a impedia de olhar, com uma pontada de mágoa mais tarde confessada, para as moças da cidade que iam à missa ou à reza com o ar confiante de quem é protegido por pais de verdade e não se sujeita, por força da necessidade, às tarefas de uma casa. Isso não significa que fosse uma adolescente amargurada, uma vez que os relatos a seu respeito apontam para a persistência de uma alegria quase incompatível com as condições reais da sua existência. Os episódios de melancolia só se manifestaram mais tarde em função de decepções e desgostos sofridos na idade adulta. Sua curiosidade pelas pessoas e pelas coisas sempre foi autêntica, alcançando um ímpeto considerável quando aos dezessete anos teve a coragem de se libertar de Ernestina para ir trabalhar, por indicação de uma vizinha, na casa de um professor e sua família em São Paulo. Essa virada pouco previsível na vida de Ana leva a crer que ela não se conformou a todos os desígnios dos Pacheco, casal essencialmente prático e tanto mais implacável porque consciente da falta de escolha de uma moça pobre. É ponto pacífico no entanto que eles não lograram acabrunhá-la nem mortificar o seu entusiasmo por um perfil de vida que desde cedo ela julgou mais condizente com os sonhos plausíveis de todo adulto precoce. Foi esse empenho e a pertinácia que a trouxeram em 1904 para a capital de São Paulo, depois de ter deixado sem resposta a oferta de casamento de um italianinho atarracado que entregava pão na Rua Treze de Maio.

A família do professor morava num sobrado da Avenida Angélica não muito distante do castelo alemão de Dona Angélica e do castelo florentino de Lupércio Camargo, situado em frente. Os bondes da Light and Power, companhia que alguns anos depois iria desempenhar um papel de pano de fundo na vida paulistana de Ana, passavam pelos trilhos assentados no meio da rua rumo aos bairros da Barra Funda, Brás e Mooca, nomes estranhos aos ouvidos dela e com os quais logo se acostumou. A trilha de eucaliptos da antiga Rua Itatiaia já fora devastada, se bem que ainda restassem alguns pés e o ar mantivesse vestígios do passado. Ana aspirava aquele cheiro como quem trata da saúde, já que o seu sustento dependia do rendimento do corpo. Sete dias por semana ela respondia pelo andamento da casa, incluindo-se nele o conforto e o bem-estar da patroa e dos filhos. O professor só aparecia nos meses de férias porque lecionava o ano todo em Laranjal Paulista. Para Ana nunca ficou muito claro o arranjo estabelecido pelo casal, que durante o recesso escolar vivia como qualquer

outro mas mal se via ou se comunicava nos períodos mais longos de aula. Como Ana era discreta as perguntas cabíveis ficavam no ar e a dona da casa, cujo nome se perdeu, não se antecipou para informar o que quer que fosse. O fato é que os filhos anteviam com alegria as vindas do pai, escrevendo nas lousas, numa caligrafia exemplar que mobilizava a fantasia de Ana, o dia em que ele devia chegar e a lista de presentes que todos iriam receber. A mulher do professor era econômica e frugal e só uma vez ou outra mandava a criada descer dos armários a louça e os talheres finos para dispor uma mesa aparatosa. O filho mais velho trabalhava para ajudar na manutenção da casa e todos os dias tomava o bonde na Avenida Angélica para ir ao prédio dos Correios e Telégrafos, onde tinha algum posto burocrático e mal remunerado. Era magro e lívido e Ana desconfiou logo que ele estava doente. Quando soube pela maledicência dos irmãos que o moço era tuberculoso, Ana se assustou tanto que pensou em mudar de emprego. Mas àquela altura já havia se afeiçoado à casa, ao bairro, aos bondes, ao jovem tísico e seus irmãos menores, além do que a dona da casa não se conduzia com a severidade calculada de Ernestina Pacheco. À medida que a ameaça da moléstia empalidecia, ela foi se habituando e nesse lapso de tempo inventou maneiras de proteger o rapaz doente do peito: sempre que podia servia-lhe carne com ovos no café da manhã antes que ele fosse trabalhar. O moço agradecia cabisbaixo e sem palavras, com um ruído na garganta que parecia tosse, pois sabia perfeitamente que essa generosidade contrariava os padrões de comportamento da mãe. Certa vez em que esta o surpreendeu se alimentando com tamanha prodigalidade, Ana foi chamada à sua presença e proibida terminantemente de preparar carne e ovos para ele exceto nos fins de semana quando todos estavam à mesa. Ana logo compreendeu que o senso de justiça da patroa não coincidia com o seu, do mesmo modo que as duas tinham atitudes diferentes diante da doença, por isso assentiu com um gesto de quem não vai discutir. O rapaz não protestou nem ergueu os olhos para a mãe ou para Ana; apenas se levantou da mesa, pôs o paletó de brim que estava pendurado no espaldar da cadeira e saiu pela porta da frente sem se despedir. Até então ela havia trocado poucas palavras com o doente porque a tuberculose parecia fortalecer nele o sentimento de exclusão; depois do incidente elas rarearam ainda mais e num prazo muito breve deixaram de existir. Ana não parou de se preocupar com a moléstia do moço, observando-o de longe, e deve ter chegado à conclusão de que não fazia o menor sentido desobedecer à senhora, que além do mais detinha os poderes de mãe. Consta que o rapaz não viveu muito tempo e que acabou morrendo naquela mesma casa sem assistência adequada; mas nessa ocasião Ana já estava trabalhando para a família de mister Ellis.

Ellis, inglês de nascimento, era alto funcionário da Light e estava casado com uma brasileira aparentada dos Mascarenhas, sócios dos Pacheco em Sorocaba. O casal tinha duas filhas, Hilda e Lea, das quais Ana nunca se esqueceu. A família morava numa casa senhorial de Higienópolis e o fato de permanecer numa região de São Paulo que já conhecia estimulou

o estado de ânimo de Ana, então com dezenove anos de idade. Nessa época ela já era mulher feita e as recomendações que recebera de Sorocaba, por intermédio de Ernestina, deram-lhe logo desenvoltura dentro da casa. Dominava o ofício com segurança e conhecimento de causa e aos poucos se introduzia num ambiente próspero que atendia às suas exigências de auto-estima. Foi durante esses anos que o cultivo da etiqueta e das formas de amabilidade encontrou nela a ressonância esperada, pois agora sua atividade não se pautava apenas pelo trabalho doméstico, repartido com os demais membros da criadagem. Fazia as vezes de dama de companhia da dona da casa, Judith, uma jovem senhora ilustrada com quem simpatizou à primeira vista e foi correspondida com igual intensidade. Vestia-se também com o capricho desejado e acompanhava as idas e vindas de Hilda e Lea ao Colégio Mackenzie da Rua Maria Antonia. Mas mais importante que tudo Ana participava dos hábitos culturais da família. Pelo menos uma vez por mês assistia às óperas e aos espetáculos musicais do Teatro Municipal com direito a indumentária de gala e poltrona na platéia ou em camarote reservado. Embora soubesse escrever mal o próprio nome Ana já memorizava trechos da *Traviata*, ópera que sempre a emocionou até as lágrimas, pois a história facilitava a identificação com a protagonista. Certa vez em que um jovem tenor italiano cantou as árias mais conhecidas entre aplausos calorosos ela bateu palmas até sentir as mãos arderem sob as luvas e nessa noite perdeu o leque cor de jade que madame lhe emprestara. No recesso da casa Ana era a imagem da sobriedade: aprendeu a falar em voz baixa, a abrir sem ruído um armário e a colocar em silêncio os pratos e talheres; quando andava pelos corredores ninguém ouvia suas chinelas de renda arrastarem no chão. Em público o traquejo aumentava e ao sair para um passeio formal com a família suspendia num gesto rápido e natural a barra do vestido enquanto avaliava pelo canto dos olhos o apurmo do penteado no espelho da entrada; já na calçada colocava-se à esquerda de Judith e do marido e entrava por último no carro que os aguardava.

Ana conviveu bem com os Ellis durante cinco anos, mais exatamente de 1906 a 1911; por volta de 1908 tornou-se por decisão dos amos governanta da casa, recebendo a paga correspondente. Nessa ocasião sentiu-se recompensada pelos seus esforços e pensou em não se desligar tão cedo da família. Embora o trabalho fosse exigente — além de zelar pelas meninas administrava as atividades dos demais empregados, incumbindo-se pessoalmente dos serviços gerais de organização doméstica — não se considerava sobrecarregada. Estava no auge da saúde, desempenhava suas tarefas com eficiência e leveza e nos aspectos exteriores discrepava cada vez menos do modelo familiar. Isso entretanto não a impedia de manter distância, o que para ela assegurava o equilíbrio desejável nas relações profissionais e o respeito devido nos contatos pessoais. Mas não se tratava de uma atitude rígida que a afastasse dos outros; tanto é assim que se mostrou sensível às aproximações da dona da casa. Judith, a despeito da sociabilidade imposta pela vida do marido, não tinha amigas e com o correr

do tempo passou a tratar Ana como confidente, pois confiava tanto no seu bom senso para as coisas práticas quanto na sua capacidade de julgar pessoas e situações. Foi nessas circunstâncias que a jovem governanta começou a conhecer intimidades que de outro modo não gostaria de saber, como o fato de mister Ellis sustentar amantes. Não só isso como também as dificuldades econômicas enfrentadas pela família, o que fez Ana temer pelos seus projetos de permanecer lá o maior tempo possível, a despeito da saudade que a fazia chorar contra qualquer expectativa toda vez que se lembrava de Ernestina Pacheco e de Sorocaba. Certamente esse foi um dos motivos que a levaram a acolher com condescendência o arrojo do entregador de pão da Rua Treze de Maio. Pois para grande surpresa sua uma tarde ele apareceu em São Paulo e tocou a campainha da casa, pedindo à cozinheira que o atendeu para falar com Ana. Conseguira o endereço dela através de Ernestina Pacheco e enviara várias cartas a São Paulo, todas escritas numa linguagem muito direta — sem dúvida aqui a personalidade se confundia com a falta de familiaridade com a língua — propondo-lhe casamento. Afirmava que não havia se esquecido dela, que não era mais empregado e sim dono da padaria e que ficaria honrado se ela o recebesse para uma entrevista. Ana não respondia às cartas porque não pensava em manter conversações sérias com o estrangeiro de fala arrevesada, corpo obeso e maneiras irremediavelmente toscas. Mas assim que ele se apresentou em Higienópolis debaixo da chuva, o chapéu de feltro na mão, ela teve um abalo e mandou a cozinheira levá-lo à ante-sala. Enquanto o pretendente subia a escada, desajeitado como um camponês de fatiota, Ana o observava por uma vidraça sem saber direito se o que estava sentindo naquele momento era lisonja, repulsa ou compaixão. Por fim concluiu que não estava sentindo nada e dispôs-se a recebê-lo com uma ponta de naturalidade.

Balila Baldochi não era italiano como ela pensava, mas de nacionalidade francesa. Tinha nascido no ano de 1886 em Marselha, para onde os pais, procedentes da Toscana, haviam se transferido na segunda metade do século. Falava italiano em casa e francês na escola, o que mais tarde veio a comprometer o seu português, que se cristalizou numa mistura mais ou menos indiscriminada das três línguas. Os Baldochi tinham mais uma filha e quando Balila estava completando doze anos de idade resolveram fazer a América, embarcando para o Brasil. O pai, Fúlvio, tinha trabalhado durante anos numa refinaria de açúcar em Marselha e trouxera na viagem um pecúlio em libras esterlinas: foi com ele que se estabeleceu em Sorocaba comprando uma padaria na Avenida São Paulo. Ao que parece tudo corria bem para a família quando em 1910 um surto de febre amarela matou a mãe e a irmã de Balila. Viúvo e no vigor dos anos, às voltas com o filho e os negócios, Fúlvio acabou se aproximando de uma imigrante piemontesa chamada Claudina, que também era viúva e mãe de duas crianças, e os dois passaram a viver juntos. Tiveram sete ou oito filhos (casaram-se mais tarde na presença de todos eles) e Claudina foi para Balila mais mãe do que madrastra. Foi graças à sua intervenção que o enteado,

vencida a resistência do pai, de quem era simples empregado, conseguiu se estabelecer por conta própria montando uma padaria na Rua dos Morros, atual Nogueira Padilha, onde teve início sua vida de comerciante, encerrada em falência e pobreza depois da crise de 1929, ponto final de quinze ou dezesseis anos de ascensão econômica.

Balila ficou sentado diante de Ana na ante-sala dos Ellis. Vinha engravatado e rubro e enquanto amassava as abas do chapéu lembrou as ofertas de casamento feitas na Rua Treze de Maio na época em que era entregador de pão do pai. Ana não respondeu nem que sim nem que não, pois não sabia se gostava daquele homem intimidado pelo ambiente e seguro do que queria. Embora já contasse vinte e quatro anos de idade, o que lhe parecia muito para quem pretendia se casar, ela não se sentia à vontade para dar uma guinada sem qualquer garantia afetiva. Além disso a vida de órfã e empregada havia-lhe ensinado a calcular os passos que dava e a agir só na hora certa. Por essa razão limitou-se a registrar a proposta de Balila e levantou-se da cadeira obrigando-o a fazer o mesmo. À porta despediu-se dele com um aperto de mão, o rosto muito sério, mas não estava nos seus planos ser antipática. Tanto é que fez um aceno perfeitamente perceptível ao pretendente quando este fechou o portão de entrada e ergueu para o alto da escadaria os olhos que ela sempre disse serem límpidos e sem astúcia.

Foi a prisão de Ellis por desfalque fraudulento na Light que a forçou a tomar uma decisão. O rombo financeiro não era pequeno e o caso foi rumoroso: imediatamente os convivas desapareceram, foram suspensas as idas ao Municipal, as refeições perderam o brilho, as meninas deixaram o Mackenzie e a criadagem teve de ir embora. Ana ficou sozinha, às voltas com todo o serviço da casa; sentia ameaçado o seu posto de governanta e foi obrigada a enfrentar os primeiros atritos com os credores, já que Judith caiu de cama totalmente aniquilada. Em pouco tempo a situação na casa de Higienópolis se tornou insustentável; Ana escreveu um bilhete a Ernestina Pacheco e disse que estava querendo voltar a Sorocaba para se casar. A resposta foi acolhedora e a deixou aliviada — a saída de emergência estava aberta. Depois de se despedir de Judith, que teve a honradez de encorajá-la, abraçou comovida Hilda e Lea e foi procurar o padre que freqüentava a casa e que há tempos aceitara ser seu confessor nos momentos de angústia. Naquele mesmo dia tomou um bonde até a estação da Estrada de Ferro Sorocabana e entrou num vagão de segunda classe levando apenas duas malas de bagagem. Três ou quatro horas mais tarde desembarcava em Sorocaba, cujas ruas empoeiradas não via desde que havia chegado a São Paulo oito anos antes.

Minha mãe falava sem que eu a interrompesse: as perguntas ficavam pairando no ar à espera de uma oportunidade. Ana não gostava realmente de Balila? A explicação de que aos vinte e quatro anos se conside-

rava passada tinha peso social para a época, mas daí ao casamento ia um bom pedaço. Não havia outros pretendentes? Sem dúvida, porque desde a adolescência sua figura alinhada chamava a atenção. O filho mais velho de um comerciante árabe estabelecido na Rua Barão do Rio Branco, por exemplo, costumava cumprimentá-la com um sorriso quando ela se dirigia à casa dos parentes de Júlio Prestes na Rua Direita para entregar o café moído e a roupa lavada e engomada. Um dia ele decidiu falar com ela, Ana respondeu e os dois conversaram. Ainda se encontraram algumas vezes no Largo de São Bento em frente à velha igreja, a quinhentos metros da casa da patroa. O rapaz era muito bonito — um sírio de olhos verdes. Ana porém logo se desinteressou, não se sabe bem por quê. Certamente porque não gostava dele. E do noivo? O empenho que ele demonstrava não a tocava nem um pouco? Mesmo que para ela aquele casamento fosse de conveniência é duvidoso que só contassem as razões objetivas. Além do mais, que filho ou filha pode julgar com discernimento a vida afetiva dos pais? Diante dessas questões cortantes ou elaboradas minha mãe emudecia, pensativa; mas o intuito não era de modo algum silenciá-la.

Ana ficou hospedada na casa de Ernestina Pacheco até o dia do casamento. Àquela altura a sobrinha estava crescida apesar de anêmica. Não fazia nada em casa nem fora dela, a maior parte do tempo ficava deitada na cama ou no sofá da sala, lia pouco e conversava menos ainda. Não parecia emocionada com a volta de Ana — sua ama desde pequena — ainda que tenha registrado a sua presença e se deixado servir por ela. Mas não o fazia por mal, pois havia nela uma fraqueza mais profunda que a tornava diminuída nas relações com as pessoas incumbidas de protegê-la. Talvez isso explique a facilidade com que conseguiram casá-la anos mais tarde no leito de morte com um dos descendentes dos Mascarenhas: sendo a única herdeira dos Pacheco e estando desenganada, a moça assegurava a passagem legal dos bens da família aos seus sócios sorocabanos evitando a apropriação da fortuna pelo Estado. Com Ernestina entretanto a posição de Ana havia melhorado em função do noivado, tendo em vista que a mãe de criação considerava os Baldochi um bom partido. A protetora austera assumiu ares de mãe verdadeira, deu conselhos de mulher experiente e mais de uma vez abraçou a protegida com lágrimas nos olhos. Ana não se fez de rogada e aceitou os conselhos e os abraços, embora não acreditasse na eficácia dos primeiros nem na sinceridade dos segundos: agora que ia se casar queria sentir-se filha e aquela era uma boa oportunidade.

Não há notícias nem fotos do casamento — dissipadas umas na memória e extraviadas as outras nos anos da débâcle conjugal. O mais provável é que a confissão protestante de Ana, mais imposta que escolhida, não tenha sido vista como empecilho e que a solenidade religiosa tenha se realizado numa igreja de Além-Ponte, bairro onde o noivo havia estabelecido a casa no andar superior da padaria. O ano era 1912, Balila estava com vinte e seis anos e Ana completava vinte e cinco: segundo as convenções

do momento eram adultos responsáveis, o que de forma alguma impediu que vivessem a maior parte do tempo num equilíbrio precário que no fim se rompeu. Essa circunstância tende ora a reforçar, ora a desmentir a hipótese do casamento fundado no cálculo, se bem que os dados sobre o assunto não sejam claros nem favoreçam uma verificação mais séria. É admissível que Balila estivesse mais propenso à ligação com Ana do que ela com ele, uma vez que o seu interesse sempre foi assinalado pela insistência e pelo ciúme. Quanto aos propósitos de Ana há pouco o que acrescentar a não ser que, habituada à vida mais diferenciada de São Paulo, sobretudo a partir da experiência na casa dos Ellis, ela enfrentasse com pouca tolerância o convívio com o noivo, rude como tantos comerciantes do interior e completamente avesso a qualquer entusiasmo artístico. Mesmo assim é fútil desconhecer que ela conservou um ímpeto de animação que a fazia ir em frente, tornando-a no mínimo ousada no acordo conjugal estabelecido com Balila. Não surpreende que desde o início tenha marcado alguns limites precisos entre os deveres indiscutíveis e o espaço reservado à auto-satisfação. Isso não quer dizer que tenha desenvolvido uma consciência razoável dos seus direitos, pois é óbvio que noções dessa ordem não gozavam de livre trânsito entre as mulheres da sua classe. O fato é que ela se manteve em estado de alerta para assegurar o que desde a volta de São Paulo considerava como as suas conquistas pessoais. Elas se traduziam em reivindicações modestas como ir ao teatro e à ópera vestida com um esmero capaz de alegrar a sua alma ou ver respeitada em casa ou fora dela a etiqueta aprendida e incorporada. Balila nunca se opôs diretamente a nenhum desses caprichos, os quais na verdade não o prejudicavam no trabalho, eram inofensivos na rotina e no mais podiam lhe trazer algum prestígio, principalmente quando saía de braços dados com Ana para ir ao centro da cidade ou visitar os amigos do bairro. O que ele parecia suportar mal era a necessidade de acompanhar a mulher ao Teatro São Rafael na Rua Brigadeiro Tobias do outro lado da ponte sobre o rio Sorocaba ou então ao Teatro Alhambra dirigido por Juan Santisteban no bairro de Além-Ponte, onde levavam espetáculos teatrais populares. Apesar de descendente de italianos e do primário feito em Marselha, Balila nunca cultivou a sensibilidade para a música, especialmente para a ópera, que repudiava como uma cantoria sem sentido, não obstante fosse capaz de entender os entrecos melhor do que Ana graças ao conhecimento da língua. Nos momentos de impaciência ralhava com a mulher por fazê-lo atuar tudo aquilo e quando estava de bom humor lembrava a frase de uma senhora muito velha que se orgulhava de nunca ter posto os pés num teatro, onde seria obrigada a desembolsar dinheiro para ouvir mentiras.

Durante cinco anos, de 1912 a 1917, o casal habitou o casarão da padaria; foi nele que Balila conheceu o início de uma carreira comercial promissora e Ana perdeu os primeiros quatro filhos. Seguindo o estilo do marido o prédio era desconfortável, não tinha espaços inaproveitados nem muito menos aprazíveis, com exceção do quintal onde cresciam as árvores à cuja sombra os empregados descansavam na hora do almoço. Mas

as mãos da mulher faziam milagres em silêncio e aos poucos o lugar se tornou mais do que apenas praticável: das paredes pendiam gravuras emolduradas com discernimento, não havia mesa sem uma toalha bordada ou um jarro de flores, os tapetes abafavam os passos e os móveis encerados brilhavam. Ana não desistiu da arrumação nem nos meses em que a primeira gravidez dificultava os seus movimentos; parentes e conhecidos que uma vez ou outra os visitavam nunca deixavam de elogiá-la, se bem que este ou aquele o fizesse com um trejeito inadvertido de inveja que ela registrava sem transformar em agravo. Aguardava com ansiedade o primeiro filho e nos momentos em que devaneava não o via tosco nem assediado pela necessidade. Quando a criança nasceu morta, enforcada no cordão umbilical depois de um parto doloroso realizado no quarto do casal, Ana caiu numa depressão grave que o marido suspeitou se tratar de uma doença incurável. A melancolia porém acabou cedendo e Ana deixou a cama disposta a assumir os riscos de outros filhos. Os três seguintes também não vingaram, ainda que uma das meninas, Nícia, tenha vivido até os três anos de idade. Nesse período Ana certamente conheceu o desespero imaginando que não conseguiria nunca ser mãe. Ao seu lado Balila compensava o desgosto de ver os filhos morrerem com um interesse crescente pelos negócios, viés que visto de fora valia por uma indiferença capaz de alimentar os sentimentos de rejeição mútua do casal. Foi no ano em que perderam o quarto filho — uma menina que recebeu o nome de Maria de Lourdes num gesto de devoção da mãe — que ele trocou a padaria por um armazém de secos e molhados, instalando-o do outro lado da Rua dos Morros numa construção térrea cuja frente servia ao estabelecimento e os fundos abrigavam a família. Os negócios prosperaram logo e o pequeno comerciante viu aberto o caminho para uma vida menos cautelosa: começou a vestir-se com atenção, a abrir uma garrafa de vinho nas refeições e a satisfazer a uma ou outra reivindicação de luxo da mulher. Talvez esperasse da renovação material dos hábitos o restabelecimento das relações conjugais já minadas pela decepção — e nesse sentido Ana foi receptiva ao movimento de reparação do marido. Embora marcada pelo luto, investiu na casa a energia necessária para torná-la leve e confortável. O desgaste não era pequeno e para se regenerar de um trabalho que realizava sozinha — Ana nunca teve empregadas — voltou a se interessar pelos passeios e pelo teatro, pois na ocasião chegavam a Sorocaba companhias líricas e artistas de renome atraídos pelas condições oferecidas pelo São Rafael, subvencionado pela elite industrial da cidade. A acrimônia entre os cônjuges recuou muito — a um ponto tal que Ana engravidou pela quinta vez. Durante a segunda metade de 1918 e início de 1919 ambos esperaram tensos o nascimento de Lázara Edea — Lazineira —, a filha predileta que nos anos finais se tornou arrimo e confidente da mãe.

Sem relutar contra a idéia de ir mostrar os lugares onde a família havia morado minha mãe alegava que o casarão da padaria e o prédio prin-

cial do armazém tinham sido derrubados e substituídos por outros cuja fachada ela mal conhecia. Ao que parece restava apenas o anexo do armazém cuja construção o pai financiara com empréstimos imprudentes feitos às vésperas da crise econômica que no início dos anos trinta decretaram sua falência. Também a Rua dos Morros já não era a mesma: o nome tinha sido trocado por Nogueira Padilha (que ninguém identificava), os bondes não existiam mais e a pista de asfalto, cercada dos dois lados por calçadas de cimento e pedra onde antes havia árvores, recobria tanto o velho calçamento de paralelepípedos quanto as camadas mais antigas de terra batida. Na verdade havia sobrado muita coisa das feições originais da rua, como a inclinação da ladeira que a certa altura se bifurcava, mas o resíduo não era suficiente para aprimorar o quadro fixado na lembrança. Era nela que minha mãe se apoiava, principalmente na nitidez dos flashes descontínuos que davam ânimo ao relato e afinavam o timbre da fala. Quando eu lhe perguntei o que tinha ouvido a respeito de 1919, ano de seu nascimento, respondeu que o pai estava bem de vida e que Ana tivera um parto sem incidentes.

Os anos de infância de Lazineira coincidiram com os melhores do casal. Balila consolidou a posição de comerciante bem-sucedido e Ana chegou ao auge da vitalidade. As discrepâncias básicas entre marido e mulher, envolvendo questões de gosto e regras de comportamento, além de sensibilidade no trato conjugal, seguiam por uma via sem retorno, mas durante os primeiros cinco ou seis anos de vida da filha ficaram praticamente abafadas pelo bem-estar econômico e pela própria presença de Lazineira na casa. Com o tempo a menina assumiu o papel de companheira e aliada da mãe; sem dúvida foi fundada nesse apoio que ela desfoque a atenção concentrada nas relações com o marido, o que parece tê-lo liberado para outros interesses como a política do Estado. Não obstante as informações nessa direção serem mínimas, foi graças aos antigos contatos de Ana com a família de Júlio Prestes que Lazineira foi batizada por uma tia e um sobrinho do presidente de São Paulo, ocasião em que as visitas à chácara dos Prestes na Rua Direita se amudaram, resultando na aproximação do novo correligionário. Em 1924 a atividade comercial de Balila chegou a um ponto alto, marcando o início de uma virada na casa dos Baldochi: o marido passou a participar das reuniões locais de conservadores alvoroçados com o levante de Isidoro, a mulher a oferecer recepções e a filha a desfrutar de uma liberdade inusitada. Assim é que Ana, depois de passar horas na cozinha preparando todos os pratos que conhecia, se punha a servi-los em traje de gala aos convidados: o toque pessoal dos encontros eram os conjuntos orquestrais que ela contratava a bom preço na cidade para entreter os presentes com um repertório de músicas quase decoradas. À sua maneira a filha acompanhava as veleidades da mãe, rasgando sacos de farinha de trigo importada para transformar o depósito do armazém num campo de neve onde brincava com as amigas. Balila não

aprovava essas extravagâncias nem se empenhava em reprimi-las: voltado para a realidade dos negócios tanto quanto para as tramas políticas da época, ele dedicava o ócio disponível à leitura de *O Estado de São Paulo*.

O nascimento de Ciro em 1925 não alterou a rotina da família — ele era um menino sadio e foi recebido como um triunfo pelo pai. Lázara então com seis anos continuou apegada a Ana, ajudando-a nas tarefas caseiras e nos cuidados com o irmão, que passou a tratar como filho num movimento inequívoco de identificação com a mãe. Tornou-se também a acompanhante oficial desta, o que dispensava o pai de uma presença obrigatória. Logo que Ciro começou a exigir menos atenção, Ana voltou a fazer visitas e a frequentar as sessões do Alhambra levando a filha consigo: era com ela que comentava as encenações, ensinando-lhe o que sabia sobre o mundo do espetáculo. O marido às vezes obrigava-se a ir buscá-las à saída do teatro e o que parecia gentileza se transformava em dissabor; pois a despeito de conhecer os hábitos de Ana e até mesmo de tê-los incorporado em causa própria, ele aparecia invariavelmente de chinelos e em mangas de camisa, num desleixo afrontoso que o fazia andar, no caminho de volta, à frente da mulher e da filha sem a preocupação de reter os gases do corpo cada vez mais redondo. Seja como for a aversão de Ana por Balila só se consumou quando a violência física destruiu o que ainda restava de solidariedade no casal.

Minha mãe hesitava à medida que o relato tomava corpo diante de mim: as pausas e as digressões se tornavam freqüentes e a disposição para recompor as falhas com novas reminiscências se acentuava. Embora difícil de definir o gesto não era deliberado, parecendo refletir a fórmula de compromisso entre o fascínio de narrar e o medo de tratar as confidências de Ana como quem fere o decoro familiar. Mas ela venceu a dificuldade e passou à derrocada — não sem antes relembrar dois episódios que naquele contexto assumiam um caráter sintomático: a visita ao leprosário e a viagem a São Paulo.

O motivo da visita era o pagamento de uma promessa a São Lázaro, a quem Ana por sugestão de conhecidos havia se devotado com grande fervor depois de perder os quatro primeiros filhos. No quinto parto a recém-nascida recebeu o nome de Lázara em sinal de reconhecimento pelo que a mãe considerava as bênçãos recebidas e agora que a menina estava crescida ela a levava à capela do santo no leprosário de Sorocaba, instalado na região do Cerrado. Mas o ato piedoso acabou se transformando numa vivência traumática, já que na chácara abandonada que abrigava o asilo o que as duas viram por toda parte foram dezenas de mutilados na mais esqualida miséria tentando apalpá-las à sua passagem com os tocos dos braços.

A viagem a São Paulo foi decidida depois que Ana recebeu notícias de Judith através de Ernestina Pacheco. A ex-governanta sentia falta da

antiga dama como se esta fosse o núcleo de um passado idealizado. Diante do marido de má vontade a companhia da filha tornava a ida da mãe à capital uma empresa plausível. Assim que chegaram a São Paulo, cujas ruas Ana passados quinze anos quase não reconhecia, foram ambas ao endereço dado por Ernestina: era na Avenida São João. Talvez fosse possível imaginar as dificuldades que Judith vinha enfrentando desde a prisão de Ellis; o que Ana não podia prever era o choque de encontrá-la um dia morando num porão: Judith estava completamente só e para se sustentar trabalhava como costureira num circo de arrabalde.

Os dois episódios eram suficientemente fortes para se tornarem peças autônomas da experiência; mas para quem observava de fora o mais surpreendente era o movimento da memória reunindo as impressões justamente naquele ponto da narrativa.

A atividade do armazém de secos e molhados progredia e com ela o prestígio de Balila Baldochi no bairro e na cidade. Várias vezes por ano ele era convidado para padrinho de casamento e a maneira de se mostrar reconhecido era ser pródigo, o que obviamente aumentava a popularidade e o número dos convites. Na condição de padrinho ele tanto se incumbia de prover a mesa da festa com os produtos do armazém como de colocar um carro branco de aluguel à disposição da noiva no dia do casamento. Foi por essa via que conheceu e se aproximou de João Franco, dono de uma limusine que fazia ponto na ladeira da Rua Quinze de Novembro. Ana deve tê-lo visto com frequência no armazém e tudo indica que desde o início se sentiu atraída por ele: sem dúvida as frustrações do casamento alimentavam as fantasias de sedução. Assim que o homem passou a freqüentar a casa do casal ela adotou uma atitude mais desenvolta. Ao que parece João Franco não permaneceu insensível ao interesse de Ana, mas por algum motivo impenetrável decidiu castigá-la. Um dia em que o marido não pôde ir pessoalmente contratar o carro para um casamento ela se prontificou a fazê-lo. Encontrou a limusine branca estacionada e a informaram que o dono estava numa barbearia próxima. Foi até lá sem pressentir as conseqüências do passo em falso e naquela mesma noite João Franco disse a Baldochi que Ana o assediava por toda parte. Ao se saber denunciada ela procurou o chofer de praça e o descompôs na frente da mulher; João Franco desviou os olhos e não respondeu uma palavra. Quando voltou para casa o marido estava no armazém, onde ficou até muito tarde, as portas travadas com tranca; assim que ele surgiu na sala ela quis dizer alguma coisa e foi esbofeteada. Com o nariz sangrando Ana se refugiou no quarto do casal cuja porta Balila não teve dificuldade de arrombar com o peso do corpo. Vendo-a recolhida a um canto ele se despiu como num ritual e completamente nu surrou-a com um cinto de couro até perder o fôlego: o quarto estava escuro mas Lazineha pôde ver a cena pela porta escancarada.

Em 1926 Ana deu à luz Zilda, a última filha do casal. Apesar de um ou outro esforço de regeneração a única coisa que sustentava o casamento era a inércia capaz de acentuar a falta de alternativa. O entusiasmo pelas coisas tinha desaparecido e agora a depressão se objetivava na desistência de sair de casa; no mais Ana enfrentava sozinha ou com a ajuda de Lazineira os afazeres domésticos e os filhos menores. As vizinhas costumavam visitá-la quase todos os dias e para conquistá-las ela desde há muito as cumulava de presentes desviados do depósito; de um ângulo estritamente retrospectivo é possível imaginar que já pressentisse o abandono dos últimos anos e recorresse ao artifício na ânsia de assegurar algum afeto mais estável. A verdade é que isso não aconteceu e no decorrer do tempo interveio uma agravante, pois havia semanas em que Ana parecia inteiramente alheada. Embora não atinasse logo com o sentido daquela prostração Lazineira acabou descobrindo que a mãe bebia às escondidas. Ana consumia as bebidas estocadas e para não levantar suspeitas tomava a precaução de recolocar as garrafas nas prateleiras depois de recompor a rolha e os selos. Por volta de 1929 Balila decidiu ampliar o depósito e para construir um prédio anexo ao armazém recorreu aos empréstimos de um agiota da cidade, o que naturalmente o obrigou a reduzir os gastos da família e a regular os estoques do armazém. À vista do que constatou nas prateleiras o marido compreendeu o que estava se passando em casa, mas àquela altura a bebida já era para Ana uma paixão que não se submetia a qualquer tipo de coação. Segundo a filha ela se servia de vinho do Porto e outros importados que encontrava no depósito; com a interdição passou à bebida barata dos bares da vizinhança, principalmente da venda de Américo Chebbel, amigo de Baldochi. Quem costumava ir buscá-la era a filha mais velha, com a recomendação de que escondesse o vidro sob o casaco para não chamar a atenção do pai: transformada em cúmplice da mãe a menina participava da conspiração sem perceber o seu alcance. Era manifesto no entanto que o estado de Ana piorava, pois agora era raro o dia em que Lazineira não a observava cambaleando ou falando com a voz pastosa, quando não dormindo à tarde um sono pesado. Em 1929 a menina já cursava o quarto ano primário numa escola pública e animada com a perspectiva de uma nova vida aberta pelo estudo ela via com aflição crescente a casa desorganizada, o irmão e a irmã negligenciados e o pai abatido ou colérico diante da mãe embriagada. No dia em que Américo Chebbel comunicou a Balila que não podia vender álcool a uma menor mesmo que ela fosse a filha de um amigo, Lazineira encontrou o pretexto de que necessitava para recusar com firmeza os pedidos da mãe. A dependência contudo parecia já ter destruído os freios internos e a mãe não hesitou em recorrer à boa vontade inocente de Ciro, então com menos de cinco anos de idade. O menino saía todos os dias de casa com uma garrafa vazia, atravessava a Rua dos Morros e, prestando atenção nos bondes que subiam a ladeira, andava até um botequim onde pedia ao empregado que a enchesse de qualquer marca de aguardente; enquanto acompanhava com o olhar a bebida que escorria de um pequeno funil de zinco até o gargalo e caía espu-

mando em silêncio no fundo da garrafa, ele ficava na ponta dos pés e depositava o dinheiro contado em cima do balcão de mármore.

As dificuldades financeiras de Balila vieram agravar o quadro de desagregação familiar. Com a queda nas vendas do armazém, sobretudo dos produtos importados, mais os prejuízos provocados pelos fregueses empobrecidos que tinham comprado a crédito, o comerciante se viu sem fundos para pagar os empréstimos acrescidos de usura. A despeito da intervenção de um ou outro amigo junto ao agiota de Sorocaba as notas promissórias foram caindo uma a uma no cartório e desencadearam o processo de penhora que se consumou por volta de 1931, o ano da grande crise. O armazém teve as suas portas fechadas, as mercadorias passaram já remarcadas para as prateleiras dos concorrentes, os melhores móveis, acessórios e roupas desapareceram, as paredes ficaram nuas e até o galinheiro do fundo do quintal foi esvaziado. A bancarrota de Balila tinha sido completa e foi nessa ocasião que a filha o viu pela porta do quarto contando algumas moedas de libra esterlina espalhadas sobre a colcha da cama de casal — certamente tudo o que restava dos bens legados pelo avô Fúlvio ao pai agora falido. De qualquer modo a mulher e os três filhos ainda dependiam do chefe de família e essa circunstância o obrigava a pôr de lado o desânimo e a escolher um novo tipo de atividade econômica. A profissão de caixeiro-viajante parecia uma boa alternativa não só porque Baldochi conhecia as pessoas interessadas em encaminhá-lo, como também porque a necessidade de permanecer fora a maior parte do tempo o eximia simultaneamente do desgosto de ver a casa arruinada e da humilhação de ser apontado nas ruas como um fracasso. Isso explica que em 1931, aos quarenta e cinco anos de idade, tenha se internado no sertão de Iguape levando na mala ou em lombo de burro poções, fortificantes, pomadas e pequenos utensílios muito requisitados pelos moradores da região. Ao contrário do que seria legítimo esperar ele nunca se sentiu tão bem como nos quinze anos em que ficou convivendo com os caboclos, de cujas casas sempre foi hóspede bem recebido e pelos quais mostrava um respeito sincero, o que o levou a adotar até o fim da vida — morreu em 1946 de um derrame — alguns hábitos deles, como levantar de madrugada, adoçar o café com rapadura e fumar cigarro de palha.

Sem dúvida a fase de abundância relativa em que os Baldochi tinham vivido estava encerrada e com ela qualquer propósito viável de reafirmação social. Com a mesada que recebia do marido Ana só conseguia atender precariamente às necessidades dos filhos, enquanto anesthesiava no álcool as antigas pretensões de elegância. Fosse como fosse a filha mais velha continuava mais voltada para ela do que para o pai, embora a relação entre ambas estivesse se invertendo, pois agora era Lazineira quem procurava proteger a mãe. Nos momentos em que estava lúcida Ana narrava à confidente os episódios da infância e da juventude e era com uma satisfação muito visível que descrevia os pormenores da sua vida e o colorido dos espetáculos que ainda retinha na memória. Segundo os depoimentos da filha transformada em testemunha a mãe às vezes percebia como um

susto que vinha de fora o fato de estar se destruindo e procurava reagir apelando para superstições pesadas, como a de que espíritos maus a possuíam, o que pelo menos uma vez a levou trêmula de medo ao sítio onde morava João Camargo, o curandeiro mais famoso da cidade. Persistiam igualmente as ilusões românticas de que ainda era uma mulher sedutora, por isso durante algum tempo acreditou na paixão que teria despertado em Rui Coelho, um dentista do bairro cujo consultório passou a frequentar, em companhia de Ciro, vestida com os trajes de luxo que havia subtraído à penhora dos bens familiares. A realidade é que o dentista estava noivo e arredio e foi com uma tristeza sem disfarces que ela afinal renunciou ao romance. Talvez tenham sido esses os motivos que acabaram convencendo as vizinhas e os parentes do marido (que Ana desprezava por serem simplórios) a deixarem de visitá-la, sendo possível também supor que a desolação da casa os tenha afugentado antes que a situação chegasse ao ponto de precisarem socorrer uma doente vaidosa na ausência do marido viajante. De fato quando Ana começou a ficar seriamente debilitada pela diarreia e a dar alguns sinais de delirium tremens o único adulto que tomou a iniciativa de levá-la ao médico foi Adelaide, uma mulher de meia idade a quem Balila poucos meses antes havia alugado os espaços vazios do depósito. Ela era uma pessoa prática e decidida, estava separada do marido e dos filhos e conhecia os meios de conseguir assistência médica sem pagar porque trabalhava numa fábrica. Ana foi bem atendida, mas as atenções de Adelaide não encontraram a retribuição adequada: uma noite em que precisou ir ao quintal pegar água para as funções da manhã seguinte, Lázinha a viu receber um homem no quarto improvisado do depósito e ao ficar sabendo a mãe a despejou imediatamente sob a suspeita de que ela era prostituta.

Tem interesse lembrar que minha mãe havia evocado em outras oportunidades a morte de Ana, mas a impressão era de que o episódio ganhava um relevo novo para ela na medida em que não vinha destacado da sequência de acontecimentos que o precediam e aos quais impunha o contorno de coisa fechada. Embora sensível a essa lógica era inegável que ela agora se surpreendia e que o seu estranhamento tinha a ver com o sentido da vida de Ana. Evidentemente aqui não havia muito o que dizer, nem ela se aventurava a fazê-lo: apesar de conservar um lado místico, minha mãe era discreta em relação a crenças mais íntimas, o que de algum modo preservava a superfície lisa do relato direto. Foi com essa disposição que ela falou de 1933, ano que selou o destino de Ana e imprimiu um novo rumo à vida dos seus filhos.

As ausências prolongadas do pai tornavam Lázinha responsável pela mãe e a única ajuda que recebia vinha de Idalina, uma senhora paupér-

rima que morava na vizinhança. A adolescente de menos de quatorze anos conhecia Idalina desde há muito tempo e sempre se sentira bem na sua casa de taipa, onde passavam horas conversando enquanto a mulher de setenta batia pilão. Idalina era maternal com Lazinha e transmitia à jovem amiga um conforto tanto maior quanto mais a situação de Ana se deteriorava. Assim que a saúde da mãe declinou a tal ponto que já não lhe era possível cuidar de si mesma, a filha encontrou na vizinha o amparo de que precisava, uma vez que a angústia e a inexperiência não consentiam que tratasse simultaneamente de Ana e dos irmãos menores. Além do alcoolismo avançado, o diagnóstico do médico que a mãe havia consultado em companhia de Adelaide era de tuberculose intestinal e não deixava margem a qualquer esperança de cura, mesmo descontadas as condições materiais desfavoráveis em que vivia. Ultimamente Ana passava a maior parte do tempo deitada e sem se alimentar, exceção feita aos chás de erva-cidreira que Idalina preparava; tinha febre alta todos os dias, o corpo estava exaurido e a falta de energia aumentava o desinteresse pelo que acontecia à sua volta. Mesmo assim Lazinha conseguia freqüentar um curso de corte e costura na Escola Profissional e era com um aperto no coração que ela voltava para casa, onde Ciro e Zilda montavam guarda à beira da cama nas poucas horas em que se ausentava. As crises de Ana tornaram-se freqüentes e com isso Idalina passou a ser solicitada todos os dias para tomar as providências mais imediatas: sua aparição era saudada como um lapso de alívio e Lazinha a considerava o seu anjo particular. Mas o convívio cotidiano com a idéia de morte diante da mãe desenganada produzia na menina uma consciência precoce de impotência e fragilidade, ao mesmo tempo que a preparava subjetivamente para o desenlace: é provável que tenha sido essa base real do estoicismo com que daí para a frente passou a encarar todas as dificuldades. Quando no mês de maio de 1933 ela leu na máscara de cera do rosto da mãe que Ana estava morrendo, o pai estava na iminência de partir para uma nova viagem ao sertão de Iguape; Lazinha conseguiu detê-lo na porta de casa e só por essa circunstância ele assistiu ao falecimento da esposa: Ana havia completado em maio quarenta e cinco anos e cinco meses de idade. Providenciado o enterro, que foi anônimo e despojado — Sorocaba seguia o seu ritmo de centro industrial provinciano indiferente ao destino daquela mulher — Balila Baldochi sentiu a necessidade de organizar com urgência o que ainda restava da família. Resolveu tirar Ciro da escola aos oito anos para treiná-lo como ajudante de viagem e pediu à madrastra Claudina que acolhesse Lazinha e Zilda em sua casa, no que foi atendido sem nenhuma formalidade. Ainda moravam com a velha piemontesa duas vezes viúva dois filhos solteiros e um casamento que trabalhavam na indústria têxtil e metalúrgica da cidade. Consciente das dificuldades dos seus protetores Lazinha desde logo se sentiu pouco à vontade como hóspede e pediu que lhe arranjassem um emprego com o qual pudesse dar conta de si mesma e da irmã Zilda — então com sete anos — que o pai havia confiado à sua tutela antes de seguir viagem. O pedido correspondia à ética e às necessidades dos parentes e foi assim que

em meados de 1933, com quatorze anos completos, Lazineha saiu da casa da avó ainda de madrugada e subiu a pé a Rua dos Morros em meio a uma pequena multidão de moças e rapazes cujos rostos a escuridão ocultava, até chegarem juntos aos portões do prédio onde ela ficava de dez a quatorze horas por dia costurando sacos de café: era a Fábrica Santa Maria, propriedade industrial da família de Paulo Emílio Salles Gomes, que àquela altura ensaiava em São Paulo os primeiros passos de sua carreira de escritor e militante de esquerda.

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 25, outubro de 1989
pp, 215-232
